

PESQUISA ACADÊMICA, VIDA COTIDIANA E JUVENTUDE: DESAFIOS SOCIOLÓGICOS

Estudos do cotidiano, pesquisa em educação e vida cotidiana: o desafio da coerência
OLIVEIRA, Inês Barbosa de – UERJ

A crescente consciência sobre a insuficiência dos métodos de pesquisa associados ao cientificismo positivista – voltados para as generalizações e definição de modelos – para a compreensão da complexa dinâmica que envolve a vida cotidiana vem servindo de incentivo para o desenvolvimento de modos diferenciados de pesquisar, dentre os quais se inclui a pesquisa nos/dos/com os cotidianos (Alves e Oliveira, 2001, 2006a e 2006b; Garcia, 2003; Ferrazo, 2001 e 2003; Azevedo, 2003; Oliveira e Sgarbi, 2007a e 2007b e Oliveira, 2003, 2007a e 2007b). Seja quando a direcionamos para o cotidiano escolar ou quando interrogamos a vida cotidiana em geral, incluindo-se aqui a da juventude (Victorio, 2005 e 2007), as pesquisas que vimos desenvolvendo buscam compreender o que se passa “quando aparentemente nada se passa” (Pais, 2003) – como nos ensina meu colega de mesa.

A convicção de que o desenvolvimento epistemológico da noção de cotidiano é indissociável daquele das metodologias das pesquisas que nele, com ele e sobre ele se desenvolvem tem tornado obrigatória a associação das discussões epistemológica e metodológica. Além disso, sabemos que os limites epistemológicos do pensamento moderno têm, também, um caráter político, na medida em que a idéia de que o conhecimento para ser válido tem que ‘científico’¹ tem servido para excluir, marginalizar, ou mesmo invisibilizar outras formas de conhecimento, as práticas sociais a eles associadas – seus modos de estar no mundo –, seus portadores e representantes. Assim, recuperar a importância e a validade dos conhecimentos e práticas da vida cotidiana, a importância de pesquisá-las reconhecendo-lhes a especificidade e a riqueza é, também, uma ação política. Ou seja, o reconhecimento da indissociabilidade entre essas diferentes dimensões traz consigo o desafio da coerência teórico-metodológico-política.

Pensar, portanto, a pesquisa acadêmica, em sua relação com a vida cotidiana, especificamente a da juventude, requer trabalhar sobre esse desafio. Mestre Paulo Freire nos ensinava isso na sua *Pedagogia da Esperança* (1991). Segundo ele, o maior desafio

¹ Chamamos aqui de científicos os conhecimentos produzidos de acordo com os critérios de validade da ciência moderna.

do educador progressista era a busca da coerência entre aquilo que defende como intelectual e aquilo que pratica, como educador. Lendo-o e percebendo a indissociabilidade entre as diferentes instâncias e dimensões da reflexão social, percebo a inevitabilidade de enfrentar esse desafio. Precisamos descobrir e inventar modos de agir mais próximos e compatíveis com os discursos que somos capazes de produzir. No meu caso, e creio que no da maioria de vocês aqui presentes, modos de fazer política e educação que contribuam para a democracia, para a horizontalização das relações entre os diferentes grupos sociais, para a emancipação social. Boaventura² (Santos, 2000) diagnostica essa dificuldade e afirma que, infelizmente, nossa capacidade de crítica tende a ser muito mais desenvolvida do que a de ação. Trata-se, portanto, de criar as condições para, cada vez mais, aproximarmos uma e outra.

Este texto traz uma reflexão teórico-epistemológico-metodológico-política sobre o tema, no entendimento de que um dos principais desafios a ser enfrentado pelo campo sociológico dos chamados estudos do cotidiano – seja para pensar a juventude, a escola, ou outras questões de relevância social – é a coerência interna entre essas diferentes, mas indissociáveis, dimensões. Definir juventude, o que ela é, como é possível pensá-la e abordá-la é também central e, mesmo que de modo bem sucinto, tentarei encará-lo, depois da reflexão anteriormente anunciada.

O cotidiano: reflexões epistemológico-metodológico-políticas

Considerando os muitos mal-entendidos e incompreensões que rondam o campo de estudos do cotidiano, em virtude do modo como o próprio termo é percebido no domínio do senso comum, entendemos ser necessário apresentar essa discussão a respeito do que é, epistemologicamente, cotidiano. Curiosamente, o mesmo senso comum que é percebido como a única forma de conhecimento presente no cotidiano é quem sustenta as acusações, supostamente científicas, de que na vida cotidiana não há criação de conhecimento, só repetição e mesmice.³

² Refiro-me a Boaventura de Sousa Santos, a quem prefiro chamar assim pela beleza desse nome e pela inequívocidade da identidade do autor, ao contrário de Santos, que remete a muitos intelectuais com os quais poderia aqui dialogar.

³ Boa parte do que aqui está já foi discutido e apresentado em outros textos (Oliveira, 2001, 2003, 2005, 2007; Alves e Oliveira, 2001, 2002, 2006a e 2006b e Oliveira e Sgarbi 2007a e 2007b), embora o dinamismo da vida cotidiana e dos processos de tessitura de conhecimentos faça com que, a cada momento, o texto se expanda diferentemente. Ou seja, o leitor encontrará aqui muitas semelhanças com outros textos, mas também mudanças e enriquecimentos.

Apesar da força desse pensamento hegemônico, que prefere se manter alheio aos conhecimentos produzidos no cotidiano e pelos estudos a ele vinculados, bem como aos processos específicos de sua criação, o campo vem se desenvolvendo, tanto em sua especificidade de campo da sociologia quanto nas diferentes apropriações que fazem dele pesquisadores de diferentes áreas. Mais do que isso, temos encontrado nos mais diferentes pesquisadores, alusões à importância sociológica da vida cotidiana, das possibilidades efetivas de ação dos diferentes sujeitos sociais em diferentes circunstâncias; à impossibilidade de contemplarmos a sua complexidade característica por meio de estudos meramente estruturais (Oliveira e Sgarbi, 2007b), bem como à insustentabilidade da hegemonia do cientificismo em diversas as áreas do conhecimento. Assim, o debate epistemológico que aqui se coloca envolve, não só pensamento sobre a vida cotidiana, os saberes e práticas que nela estão presentes, mas os processos sociais de produção de conhecimento em geral.

Estou considerando como premissa a idéia de que os processos de criação de conhecimento científico são, sempre, processos sociais nos quais as estruturas sociais, as relações de poder, as circunstâncias do momento, as possibilidades da competência científica e da vida pessoal dos pesquisadores, os *espaçotempos* nos quais tudo será pensado, vivido e produzido se enredam. Assim, não podemos mais, nessa perspectiva, continuar acreditando nem na neutralidade do conhecimento científico nem nas fronteiras que a modernidade pretendeu estabelecer entre essas diferentes instâncias, disciplinas, e dimensões. A partir desse entendimento, o cotidiano não pode mais ser percebido nem como *espaçotempo* dissociado dos espaços de produção do conhecimento, nem como *espaçotempo* de repetição e mera expressão do chamado senso-comum. Ao contrário, ele assume uma importante dimensão de lócus de efetivação de todos esses entrecruzamentos (Morin, 1996), é o *espaçotempo* da complexidade da vida social, na qual se inscreve toda produção de conhecimento e práticas científicas, sociais, grupais, individuais. Daí a extrema importância de aprofundar seu estudo e desenvolver a compreensão de sua complexidade intrínseca para pensarmos a realidade social, seja em geral, seja em relação às vivências da chamada juventude.

Entendemos, com Habermas (1987), que a realidade histórico-empírica, o mundo da vida, precisa ser compreendida enquanto tal, para além de seus determinantes lógico-estruturais. O autor afirma que a realização de determinada estrutura não é e não poderia

ser uma transposição não mediatizada de seus elementos estruturais. Conseqüentemente, para ele, a compreensão teórica das estruturas sociais não significa, em si, a compreensão das realidades sociais específicas. Melhor motivo para compreendermos como necessidade o estudo das realidades cotidianas, da vida cotidiana, para pensar as questões sociais não haveria. Ou seja, compreender a efetividade das condições lógico-estruturais nos diferentes *espaçotempos* seria condição necessária para se desenhar modos alternativos de diálogo e pensar qualquer intervenção sobre eles. Em lugar de tentar ensinar à realidade o que ela deveria ser, esse tipo de reflexão político-epistemológica e metodológica se volta para a compreensão de sua complexidade, das redes de saberes, poderes e fazeres que nela se tecem e que a habitam e das possibilidades de novas tessituras inscritas naquilo que já existe. Ou seja, compreender a vida cotidiana, suas nuances e especificidades, as práticas sociais e os saberes, poderes, querereres e valores que a habitam torna-se, nesse modo de perceber o mundo e os conhecimentos e sobre eles refletir e produzir discursos, condição necessária para qualquer tentativa de intervenção sobre ela.

Em textos anteriores, aqui já referidos, antes de mergulhar nas questões relacionadas à vida cotidiana e aos modos de compreendê-la, desenvolvi reflexões de caráter epistemológico a respeito do conhecimento, seus modos e processos de criação e validação, por entender que a revalorização da vida cotidiana como *espaçotempo* de criação de conhecimentos válidos e necessários passa por essa redefinição. Trago, portanto, alguns dos principais aspectos desse debate para esta reflexão.

A tessitura cotidiana dos conhecimentos em rede: as redes de conhecimentos

Em primeiro lugar, é fundamental trazer a idéia da tessitura do conhecimento em redes. Segundo essa idéia, os conhecimentos se tecem em redes que incluem as diferentes experiências cotidianas de modo complexo e imprevisível. Essas redes integram os diferentes saberes e experiências com os quais convivemos, nos diferentes *espaçotempos* estruturais (Santos, op. cit.) em que estamos inseridos. Nesses, os diferentes sujeitos de conhecimentos, de desejos, de crenças e convicções, de idéias vivem plenamente: aprendem coisas ensinadas e não ensinadas; fazem amigos e escolhas pessoais, políticas e profissionais; amam e são amados; lembram, esquecem, choram, riem, se divertem, sofrem etc.. Falar, portanto, em tessitura do conhecimento em redes não é apenas considerar a articulação ou mesmo a interpenetração entre diferentes conhecimentos. Requer não mais considerá-los como entidades dissociadas

que se articulam circunstancialmente, como pretendem alguns. Trata-se de compreender o conhecimento como uma rede tecida de diferentes inserções no mundo e de compreensão dele.

Daí se depreende a necessidade de outra abordagem do campo a ser conhecido, voltada para a compreensão dessa complexidade, buscando captar saberes, valores, sentimentos e modos de interação específicos a cada *espaçotempo* social, respeitando-lhe o modo de ser e com ele dialogando. O objetivo é, ao desvendar algumas das articulações que o tornam o que é, perceber caminhos e possibilidades nele inclusas, de se tornar ‘mais’ do que já é (Santos, 2004). Mergulhamos, aqui, na questão metodológica da pesquisa acadêmica nos/dos/com os cotidianos. A tarefa é a de reinventar o próprio ato de pesquisar, incorporando a ele a noção da tessitura do conhecimento em redes de múltiplos saberes, valores e crenças, as múltiplas interações sociais entre os sujeitos dessas redes com suas diferentes experiências, bem como as emoções e valores que estes mobilizam e outras dimensões das suas existências.

A noção de tessitura do conhecimento em redes assume particular importância por permitir considerar os múltiplos saberes, valores e crenças, as múltiplas interações sociais entre os sujeitos dessas redes com suas diferentes experiências, bem como as emoções e valores que estes mobilizam e outras dimensões das suas existências no estudo dos processos reais de criação de conhecimentos. Nesses últimos, se enredam dimensões da vida consideradas separadas e mesmo antagônicas pelo pensamento hegemônico da modernidade. Assumindo a radicalidade dessa idéia, podemos mesmo afirmar que a própria concepção de diferenciação entre os saberes e entre esses e as dimensões emocionais da vida é uma criação artificial e limitadora da nossa possibilidade de compreensão do mundo e do dinamismo da vida e dos processos de aprendizagem. Tão limitadora quanto as divisões entre natureza e cultura, indivíduo e sociedade, teoria e prática, real existente e real produzido entre outras dicotomias modernas.

Mais do que artificiais, essas dicotomias assumem importância por outra função que vêm desempenhando desde sua gestação e ainda na contemporaneidade. São amplamente utilizadas politicamente para realimentar a hierarquização entre os elementos de cada par, a partir da idéia da verdade única – científica e universal – que leva à identificação de um dos termos com o certo e o outro com o errado. Pensar o fim da dominação cultural e a imposição de modelos de conhecimento e de comportamento

aos diferentes sujeitos e grupos sociais, a valorização e o respeito das diferenças e o direito dos sujeitos de fazerem escolhas com base em seus próprios saberes, valores e experiências, requer que estejamos comprometidos com a superação dessas dicotomias e da hierarquia que delas deriva. E é isso que a noção de tessitura dos conhecimentos em rede ajuda a fortalecer e a encaminhar epistemologicamente, pois ela permite superar as idéias de fragmentação e hierarquização presentes no entendimento do conhecimento como organizado em árvore.

A incorporação da noção de redes aos processos de tessitura de conhecimentos tem outra dimensão importante, que é a da imprevisibilidade. Ao desenvolver sua concepção de que somos redes de sujeitos formadas a partir dos diferentes modos como nos inserimos no mundo (no espaço doméstico, no da produção, no da comunidade, no da cidadania, no do mercado e no mundial), Santos (1995) acrescenta duas importantes dimensões à idéia. A primeira é a de que a incorporação de fios das novas vivências às nossas redes é sempre imprevisível e variável em função das circunstâncias e das possibilidades que elas incluem, o que leva à necessidade de aceitação da indissociabilidade entre os diferentes processos de formação dessas redes, bem como da impossibilidade de localizar com precisão em uma ou outra dimensão de nós mesmos, em uma ou outra experiência vivenciada, a origem das diferentes ações que praticamos em função dos nossos modos de compreender o mundo. A segunda dimensão é a da flexibilidade das redes de sujeitos em suas manifestações, na medida em que em momentos diferentes, aspectos diferentes se sobressaem indo ao encontro do pensamento de um pioneiro da sociologia do cotidiano, Simmel (1971), que defendia a idéia de que as individualidades são múltiplas e variam relacional e socialmente.

Assim são as redes, e as de conhecimentos são como as de sujeitos, ou seja, em momentos diferentes, ganham maior visibilidade dimensões e aspectos diferentes. Deste modo, a vida cotidiana, as escolhas afetivas e de lazer dos sujeitos sociais são feitas pelos mesmos sujeitos pensantes que aprendem e criam conhecimentos, sem que possamos estabelecer com clareza qual foi o elemento de maior influência nas diferentes escolhas, aprendizagens e criações, mas certamente entendendo que, em virtude de tantos enredamentos, além da imprevisibilidade temos também limites. Nem tudo é possível, exatamente porque as redes são, também, fundamentos, raízes que circunscrevem o campo de mobilidade das opções (Santos, 2006). Isso significa dizer, ainda, que, assumindo a noção de tessitura de conhecimento em rede como premissa

epistemológica, somos compelidos a aceitar como corolário o fato de que os sentidos que podemos atribuir às experiências vivenciadas e aos demais contatos com o mundo estão sempre e inevitavelmente vinculados àquilo que sabíamos antes. As possibilidades que temos de aprender e de modificar as nossas redes de conhecimentos dependem, portanto, dos significados que podemos atribuir ao novo.

Esse novo referencial epistemológico é, também, um novo referencial político, na medida em que a concepção de tessitura dos conhecimentos e das subjetividades em redes, ao recuperar a indissociabilidade entre os saberes – considerados no pensamento ocidental moderno não apenas diferentes, mas, sobretudo, desiguais – permite questionar a base de legitimação da dominação contemporânea: a superioridade do saber científico sobre as demais formas de conhecimento do mundo e a conseqüente superioridade intelectual e cognitiva, no mínimo, daqueles que os detêm sobre os demais sujeitos. Mais do que isso, entendida desse modo, a noção de tessitura do conhecimento em redes e do próprio enredamento entre as diferentes formas de inserção social dos sujeitos sociais pressupõe a existência de um diálogo permanente entre diferentes sujeitos e instâncias sociais na criação de conhecimento. Infelizmente, na sociedade ocidental contemporânea, a desigualdade estrutural entre os diferentes conhecimentos, experiências e modos de estar no mundo prejudica esses processos dialógicos,⁴ levando à mutilação de muitas das possibilidades de criação de conhecimentos em virtude da desqualificação de muitas contribuições advindas dos modos de pensar e de conhecer subalternizados. Isso nos coloca de novo diante da indissociabilidade entre o político e o epistemológico. A democratização das relações entre conhecimentos e modos de estar no mundo está, assim, também indissociavelmente ligada à democratização social.

Por outro lado, e mais uma vez em acordo com a idéia da indissociabilidade entre a dimensão do político e a do epistemológico, esse enredamento que torna a vida individual e social uma totalidade complexa e assume a dependência recíproca entre o já sabido e as aprendizagens tem, também, um significado político, pois essa dependência mútua entre o que existe e o que será criado exige que pensemos o futuro como criação dependente daquilo que é e do que pode ser o presente, o que nos leva de volta à necessidade de pensar, epistemológica e politicamente, o que é o cotidiano.

⁴ Penso que o bloqueio sistemático da comunicação de que fala Habermas (op. cit, 1987) pode ser associado a esse processo.

De volta ao cotidiano: mais algumas idéias

Nesse sentido, é fundamental compreender que a indissociabilidade que reconhecemos entre as diferentes formas de inserção social e o enredamento entre o conjunto das experiências, conhecimentos, crenças e valores vivenciados leva à impossibilidade de dissociar as diferentes dimensões da vida cotidiana uma da outra. Não é possível considerar a existência de um cotidiano vivido fora das estruturas sociais, regras e valores nas quais ele se inscreve. (cf. Oliveira, op. cit., 2003).

De certo modo, a necessidade de se aprofundar as reflexões em torno da ruptura com a idéia de que cotidiano e rotina são a mesma coisa e que este é o *espaçotempo* do senso comum e, portanto, da ausência de reflexão política e epistemológica sobre a realidade, seus condicionantes e processos inspira muitos dos estudos do cotidiano. Daí emerge outra necessidade, a de avançar na compreensão do que é e do que pode representar o cotidiano, enquanto totalidade complexa na qual estão presentes e enredadas as diferentes dimensões da vida social, e os modos como os praticantes da vida cotidiana (Certeau, 1994) nela atuam, sempre de modo singular e único, em virtude do próprio dinamismo intrínseco ao viver, que traz permanentemente mudanças nas redes de sujeitos, de saberes e valores e, portanto, nas práticas sociais.

Com relação à questão da complexidade acima referida, e ainda no sentido de enriquecimento do debate epistemológico em torno do que é ou não o cotidiano, a superação das mutilações e fragmentações cientificistas exige que aprofundemos um pouco a discussão sobre o tema. Edgar Morin afirma que precisamos do paradigma da complexidade para superar o cientificismo e explica que a idéia de complexidade não deve ser entendida nem como receita/resposta nem como completude, mas sim como desafio e luta contra a mutilação, esclarecendo o que pretendeu ao formular a idéia.

A ambição da complexidade é prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento [...]. Isto é, tudo se entrecruza, tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade; porém, a unidade do *complexus* não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que o teceram (Morin, 1996, p. 176, 177, 188).

Estou considerando, portanto, o cotidiano como realização do *complexus*, onde tudo se entrecruza e entrelaça, sem perda da variedade e da diversidade das complexidades que o tecem. E aqui percebemos o porquê da necessidade de “fidelidade a Cervantes”, da qual fala Boaventura (1993) ao considerar que a sociologia não precisa optar entre os estudos sociais macroscópicos ou microscópicos, mas fazê-los complementares e

articuladamente. A questão é, portanto, a de pensar essa articulação entre os diversos.

Recorro aqui a uma discussão que desenvolvi em texto anterior (Oliveira, op. cit., 2003, p. 57-63), usando a sociologia cartográfica do próprio Boaventura (2000). Com base no texto do autor e nas referências que utiliza no estudo, podemos dizer que um mapa desenhado em pequena escala nos mostra pouco de uma área grande, enquanto, ao contrário, um mapa de grande escala no-la mostra detalhadamente, divulgando muito de uma pequena área selecionada. Ou seja, pela leitura de mapas em pequena escala, conseguimos captar, em grandes linhas, a lógica geral do espaço. Metaforicamente, podemos dizer que o que captamos nos estudos da sociedade em “pequena escala” são regras e características amplas, gerais, do seu funcionamento; suas estruturas de poder, seus mecanismos de dominação e de busca de superação dela, suas grandes relações internacionais e interculturais. Contudo, por falta de acesso aos “detalhes”, somos incapazes de perceber como se manifestam, nos diferentes espaços sociais, tanto esses processos de organização quanto as iniciativas pontuais de transgressão que se desenvolvem em seus interiores, os modos de fazer e de viver que os *praticantes ordinários da vida cotidiana* (Certeau, op. cit.) desenvolvem. Por outro lado, inscritos num pequeno território desse universo amplo, cuja lógica lhes escapa, esses praticantes, mergulhados na prática, não têm acesso direto à compreensão do universo social amplo.

Certeau (op. cit.) redefine estratégia e tática, considerando a segunda não como um modo de organização, mas como a arte do fraco de agir no campo de ação do inimigo, aproveitando a *ocasião* que as circunstâncias oferecem e a primeira como a ação planejada por aqueles que têm o poder de fazê-lo. Com isso, nos coloca diante da idéia de que as estratégias organizadoras da vida social, preconizadas pelas normas sociais, não controlam inteiramente as ações dos sujeitos, que se desenvolvem de acordo com as possibilidades de cada situação cotidiana. Os *praticantes da vida cotidiana*, portanto, embora estejam inscritos em um mundo cujas regras interativas são definidas externamente, agem de modo próprio no uso que fazem dessas normas. Em outros autores, também encontramos, dito de modos variados, a mesma idéia de que a vida cotidiana não é apenas definida pelas normas e regras sociais, pelo modelo social no qual se inscreve, mas pelo que fazem dele, nele e com ele esses praticantes, os sujeitos sociais reais.

Isso equivale a dizer que a pequena e a grande escala se complementam como formas de compreensão do mundo social, permitindo, cada uma, a percepção de alguns aspectos e

a ocultação de outros. São frutos de escolhas sobre o que consideramos mais ou menos relevante em cada circunstância. Como as escolhas de visibilidade que fazemos, optando pela pequena ou pela grande escala, não anulam a existência daquilo que não vemos, podemos afirmar que o cotidiano inclui, sempre e necessariamente, mesmo que de modo invisível, as normas e regras gerais sob as quais se desenvolve. Mas isso sempre se dá de modo único, imperceptível à pequena escala dos modelos, para a qual invisíveis são as formas singulares de efetivação das regras. Ou seja, partindo das regularidades e permanências captadas nos estudos globalizantes realizados através de “mapas em pequena escala”, podemos construir os modelos, mas os modos como as realidades locais expressam as normas e as modificam pelas suas especificidades só podem ser compreendidos se “descemos” às singularidades, só perceptíveis nos mapas em “grande escala”.

Estudar o desenrolar da vida cotidiana, entendendo o cotidiano como uma permanente interlocução entre as diferentes instâncias permite a recombinação entre norma/modelo e exceção, ignorada pelo cientificismo, e busca fazer falar as dimensões da vida que a modernidade emudeceu. É preciso, contudo, estarmos atentos para evitar o risco de autonomizar a vida cotidiana negligenciando-lhe os elementos intervenientes que se situam na dimensão macro da pequena escala.⁵ Mergulhar na especificidade não pode e não deve representar o abandono das relações, permanentes e dinâmicas, que a realidade micro, só perceptível através do trabalho de mergulho na grande escala, mantém com as grandes estruturas e normas sociais. Estamos, portanto, considerando os estudos do cotidiano como meio de incorporar outra possibilidade de compreensão da complexidade inerente ao mundo, com seus macroelementos e microelementos, indissociáveis uns dos outros.

Assim, o cotidiano emerge como sociologicamente relevante na medida em que é o *espaçotempo* da realidade social, portanto onde essa ocorre, se modifica, inventa seus modos de fazer, suas possibilidades de mudança. Estudá-lo aparece, assim, como um eficiente, e mesmo necessário, meio para pensar a realidade social a partir das práticas sociais concretamente desenvolvidas pelos sujeitos e grupos sociais nos diferentes

⁵ Uma das mais frequentes acusações que o trabalho nos/dos/com os cotidianos sofre diz respeito exatamente a essa negligência e à limitação do trabalho ao relato das situações concretas sem o fazer acompanhar por uma reflexão epistemológica e/ou política. Em que pese o fato de que muitas reflexões de caráter qualitativo e local serem, às vezes, desconsideradas em sua dimensão científica, o risco é real, e deve ser evitado por aqueles que pretendem utilizar esses referenciais e formulações.

espaçotempos nos quais estão inscritos. Sabemos que nos diferentes *espaçotempos* cotidianos, muitas práticas sociais não enquadráveis nos padrões e parâmetros do modelo social estão em andamento, e só o “mergulho” no cotidiano permite o acesso, mesmo que parcial, a práticas que desinvisibilizam possibilidades potenciais da realidade, nela inscritas, de se tornar mais do que aquilo que já é (Santos, 2004).

Muitas outras reflexões sobre o cotidiano, baseadas em muitos outros autores, vêm sendo feitas por pesquisadores da área da educação e de outras, mas nos limites desse debate, creio que podemos partir para a discussão a respeito dos métodos e procedimentos de pesquisa que vimos desenvolvendo a partir dessas reflexões.

A pesquisa acadêmica nos/dos/com os cotidianos

Do ponto de vista metodológico, essa concepção de cotidiano, não como uma instância específica da realidade social, mas como *espaçotempo* complexo, o coloca como uma arma (Pais, 2003) da qual nos servimos para compreender essa mesma realidade, mesmo conscientes de que as realidades não se dão a conhecer e que a multiplicidade de redes de conhecimentos e valores dos sujeitos sociais torna cada realidade um conjunto de possibilidades tão amplo quanto as leituras que delas podem ser feitas.

Definimos o cotidiano como uma rota de conhecimento. Quer isto dizer que o cotidiano não é uma parcela isolável do social. Com efeito, o cotidiano não pode ser caçado a laço quando cavalga diante de nós na exacta medida em que o cotidiano é o laço que nos permite “levantar caça” no real social, dando nós de inteligibilidade do social (p. 31).

Os estudos do cotidiano não pretendem explicar essa instância e se juntar aos estudos sociais de cunho mais estruturalista como complemento ou dicotomia. Buscam, ao contrário, atingir instâncias e dimensões da realidade impossíveis de serem captadas pelos estudos do modelo social. Assim, as pesquisas nos/dos/com os cotidianos vêm se desenvolvendo simultaneamente ao desenvolvimento da própria metodologia de efetivação desse modo de pesquisar (Victorio, 2007). Isso porque, para recuperar a importância das práticas *microbianas, singulares e plurais*, desenvolvidas pelos *praticantes da vida cotidiana* (Certeau, 1994) tem sido necessário vivenciar esse processo de (re)invenção do ato de pesquisar. Parece cada vez mais fundamental ir-se à vida cotidiana, ao que acontece e ao que estão vivendo as pessoas para se pensar as políticas sociais, seja em relação à juventude ou outros grupos sociais e isso precisa ser feito a partir de parâmetros renovados de busca. Por isso, tem sido necessário desenvolver formas de pesquisar que superem os métodos historicamente dominantes de

fazer pesquisa. Essa constatação não é nova, e já inspirou incontáveis críticas e buscas de outros modos de pesquisar voltados para a vida cotidiana nas escolas e fora delas, devidamente registradas por Nilda Alves (2003).

A partir disso, e apesar de semelhanças que essa forma de pesquisar possui com outras metodologias mais conhecidas de pesquisa qualitativa, a pesquisa nos/dos/com os cotidianos desenvolveu um estatuto próprio no Brasil. Ou seja, nascida a partir de críticas às limitações de outras abordagens – e, inevitavelmente, apropriando-se de certos modos e técnicas vinculados a elas – a pesquisa nos/dos/com os cotidianos as reinventa, cria outras possibilidades. E, em virtude da especificidade de suas bases teórico-epistemológicas, e porque não dizer de sua intencionalidade política, delas se diferencia. O questionamento da cisão entre saber formal e saberes cotidianos, teoria/prática, pensar/fazer está na base de formação de muitos dos grupos que hoje se dedicam à pesquisa nos/dos/com os cotidianos, nomenclatura que deriva do também necessário questionamento da idéia de pesquisa sobre o cotidiano. Sem repetir uma recapitulação histórica já realizada recentemente (Oliveira, 2007a e 2007b), mas recuperando muito do que lá está colocado, acho importante deixar aqui registrada a importância dos primeiros grupos de pesquisa a se dedicarem aos estudos do cotidiano e suas possibilidades de contribuição para a pesquisa em educação.⁶

Foi, então, a partir de reflexões, políticas e epistemológicas, de pesquisadoras inquietas com as cisões já citadas e com as hierarquizações por elas produzidas, que o campo da pesquisa nos/dos/com os cotidianos se desenvolveu e cresceu. O incômodo com a desconsideração dos saberes em circulação nas escolas e a preocupação com a criação de possibilidades de não apenas explicar os problemas das escolas, suas fraquezas e impossibilidades, mas de compreendê-las nos seus fazeres e naquilo que os tornava possíveis e potencialmente aperfeiçoáveis, essas pesquisadoras começaram a pensar modos de abordá-las de modo diferente do convencional. Questionavam a idéia do afastamento entre pesquisador e universo pesquisado, buscando uma maior aproximação da escola e do que nela acontecia concretamente e a superação da primazia da visão

⁶ A partir do início dos anos 1990, e utilizando trabalhos já então publicados sobre o tema (Lefebvre, 1991; Ezpeleta e Rockwell 1986 e Penin, 1989, entre outros), as professoras Nilda Alves e Regina Leite Garcia e, paralelamente, a professora Corinta Geraldí, na Unicamp, foram assumindo, crescentemente, o cotidiano como *espaçotempo* privilegiado de pesquisa. O aprofundamento e crescimento do campo vem dando origem a trabalhos bastante ricos e diferenciados, desenvolvidos por diversos grupos espalhados pelo Brasil, dentre os quais se destacam, além dos já citados grupos da UFF e da Unicamp, grupos na UFES e na UERJ, dos quais fazem parte inúmeros pesquisadores.

sobre os demais sentidos. Em texto mais recente, (Alves, 2004) esclarece a preocupação de então:

No artigo que, com dez anos de formulação, foi publicado em 2001, discuto *quatro movimentos* que caracterizariam os *processos necessários* para o desenvolvimento das *pesquisas nos/dos/com os cotidianos*. O primeiro deles se refere a uma necessária discussão com o modo dominante de ‘ver’ o que foi chamado ‘a realidade’ pelos modernos e que se referia, como alerta Latour (1994) ao mundo que hoje chamaríamos ‘particular’ do laboratório ou das ‘criações abstratas’ como o Leviatã, de Hobbes. A trajetória de um trabalho nos cotidianos precisa ir além do que foi aprendido com estas particularidades e abstrações da modernidade, na qual o *sentido da visão* foi o exaltado (“ver para crer”; “é preciso uma certa perspectiva”; “do meu ponto de vista” etc). É necessário, por isso, nessas pesquisas, executar *um mergulho com todos os sentidos* no que desejamos estudar. A esse movimento chamei, no artigo, pedindo licença ao poeta Drummond, de *o sentimento do mundo*.

Foi nessa esteira que a idéia de “mergulho” (Alves, 2001) no real ganhou força, sendo assumida a partir daí como um desses movimentos necessários ao qual a autora faz referência.

Além desse primeiro movimento indicando a necessidade de mergulhar no cotidiano para compreendê-lo, o texto de Nilda Alves trazia três outros considerados fundamentais à pesquisa nos/dos/com os cotidianos. Como segundo movimento, a autora colocava a necessidade de subversão⁷ da idéia de que a “boa” pesquisa precisa ter uma sólida teoria de apoio como ponto de partida e fundamento da construção de uma verdade “em nível superior” (Alves, 2001, p.22). Entende ser necessário

compreender que o conjunto de teorias, categorias, conceitos e noções que herdamos das ciências criadas e desenvolvidas na chamada modernidade, e que continuam sendo um recurso indispensável ao desenvolvimento dessas ciências, não é só apoio e orientador da rota a ser trilhada, mas, também e cada vez mais, limite ao que precisa ser tecido para compreendermos as lógicas de tessitura⁸ dos conhecimentos nos cotidianos (idem).

A busca pelo imprevisível, pelo invisível aos olhos das teorias tomadas como verdades apriorísticas, requer a compreensão das teorias também como limites,⁹ na medida em que apenas aquilo que cabe em seu modo de entender o mundo pode ser percebido e formulado sobre suas bases. As teorias serviriam, assim, como hipóteses cujos limites devem ser ultrapassados sempre que a vida cotidiana pesquisada nelas não couber, não

⁷ O termo virar de ponta cabeça (p.22) pode sugerir uma mera inversão do pensamento dominante, na defesa de um seu oposto, mas os fundamentos epistemológicos que utilizamos interditam-nos a defesa deste tipo de operação teórica, pois ela nos levaria de volta à dicotomia e à formulação de um par de opostos.

⁸ O termo tessitura foi buscado na música permitindo compreender o modo como se relacionam as notas musicas para compor uma peça. A nota é parte integrante do texto citado.

⁹ Quem sabe muito aprende pouco é a expressão que uso para evidenciar, de outra forma, mas a partir das mesmas idéias, o significado desses limites (Oliveira, 2003, p. 71).

como verdades nas quais tudo o que existe deve se encaixar. À complexidade que reconhecemos no mundo, precisamos relacionar modos complexos de buscar compreendê-lo, de pesquisá-lo, de com ele dialogar e aprender. Ou seja, para buscarmos um melhor entendimento de uma realidade que é múltipla, enredada, imprevisível, singular etc. precisamos modificar nossos hábitos e modos de pesquisar e de “fazer a leitura” dos dados. Emerge, assim, como fundamental a idéia ginzburguiana (1989) de captação e uso dos indícios que a realidade fornece, considerando a impossibilidade de captar o real enquanto tal.¹⁰ Ler sinais, compreender por meio deles alguns significados daquilo que não podemos dominar de outro modo, captar neles elementos de realidade não compreensíveis quando utilizamos os meios tradicionais de pesquisa, são necessidades da pesquisa nos/dos/com os cotidianos. A emergência do paradigma indiciário no final do século XIX, ainda segundo o autor, vem de raízes bem mais antigas, do tempo em que o homem era caçador, o que exigia dele aprender a

reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas (Ginzburg, op. cit., p. 151).

É desse modo que entendo a realidade cotidiana e a possibilidade de pesquisá-la com finalidade acadêmica, para além dos seus elementos quantitativos e de inspiração formal. Através de *uma atitude orientada para a análise de casos individuais, reconstruíveis somente através de pistas, sintomas, indícios* (p. 154), como desenvolvimento de uma *capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente* (p. 152).

O terceiro movimento necessário à pesquisa nos/dos/com os cotidianos pode ser considerado semelhante ao segundo, mas desta vez endereçado às práticas pesquisadas e não mais às teorias que as pretendem explicar. Dos múltiplos aspectos de uma realidade social, da complexidade dela e dos enredamentos entre essas múltiplas dimensões que lhe são constitutivas, quais os elementos a serem considerados fontes de conhecimento? Todos, diz essa forma de pesquisar, formulando a idéia de que é preciso “beber em

¹⁰ “A posse do real é uma verdadeira impossibilidade e a consciência epistemológica desta impossibilidade é uma condição necessária para entendermos alguma coisa do que se passa no cotidiano (Pais, op. cit., p. 108)”.

todas as fontes” (p. 26). Tudo o que integra a vida cotidiana pesquisada deve ser considerado relevante, trazendo-se para a pesquisa novos modos de lidar com a diversidade, a diferença e a heterogeneidade, dos cotidianos e de seus praticantes, bem como de suas múltiplas e diferentes relações. Superar a idéia de que apenas aquilo que pode ser classificado, organizado, enquadrado serve como dado de pesquisa e mergulhar na complexidade da vida, buscando captar seu dinamismo, seus enredamentos, seus pequenos acontecimentos torna-se meio fundamental para o encontro do imprevisível, do incontrolável, do diverso, do singular que também fazem parte da vida cotidiana.

O quarto e último movimento indicado naquele texto de 2001 diz que apresentar esse tipo de pesquisa e seus resultados requer outros modos de escrever o aprendido que superem a descrição impessoal e formalista preconizada e praticada pelas pesquisas realizadas dentro do paradigma dominante.

para comunicar novas preocupações, novos problemas, novos fatos e novos achados que os *acontecimentos* nos trazem, nos é indispensável uma nova maneira de escrever para chegar a todos a que precisamos falar, em especial os próprios *praticantes* dos cotidianos, para lhes dizer o que vamos compreendendo ao estudar, com eles, suas ações e seus conhecimentos (idem).

Assim, algumas formas de expressão escrita desconsideradas pela modernidade podem ser recuperadas em suas possibilidades narrativas.¹¹ A partir de Certeau (op. cit.), a pesquisa nos/dos/com os cotidianos vai buscar, na valorização dos modos escriturísticos próprios da literatura – dos romances e contos populares, entre outros –, apoio para a formulação e defesa de modos novos de “narrar a vida e literaturizar a ciência” (Alves, 2001, p. 29).

No texto de 2004, Nilda Alves traz uma reflexão crítica a respeito dessa formulação que envolve a sensação de ter estado excessivamente em questão nele, esquecendo-se, talvez, daquilo que identifica no novo texto.

Ao me preocupar com os movimentos que como pesquisadora precisava fazer – compreender todos os *acontecimentos* que meus tantos sentidos permitiam sentir, esqueci o que William Blake poetiza: *Como saber se cada pássaro que cruza os caminhos do ar/ não é um imenso mundo de prazer, vedado por nossos cinco sentidos?* (Manguel, 2001: 22)

Mas, mais do que isso, identifica como lacuna na formulação de então o fato de não ter questionado *a existência definidora, em todos os acontecimentos narrados, dos*

¹¹ Não se deve confundir a narrativa com a descrição, que se pretende uma aproximação fiel de um real preexistente à própria formulação discursiva (Cf Certeau, op. cit.).

praticantes desses cotidianos. Ou seja, mais do que os movimentos da pesquisadora e da própria pesquisa, pesquisar os cotidianos requer *trabalhar os sentimentos* daqueles praticantes. Ressente-se de não ter formulado *aquilo que no texto estava virtualmente escrito: o que de fato interessa nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos são as pessoas, os praticantes, como as chama Certeau (1994) porque as vê em atos, o tempo todo*. Integra, assim, nesse texto, um quinto movimento, que parece assumir primazia sobre os quatro primeiros, ao assumir a centralidade das pessoas, dos praticantes da vida cotidiana em toda e qualquer pesquisa nos/dos/com os cotidianos, escolares ou não.

Para finalizar esse debate, creio ser importante assinalar que tudo o que aqui está dito é provisório – como se percebe nos dois textos de Nilda Alves. Representa o que hoje posso dizer sobre os modos como vimos pesquisando a vida cotidiana nos diferentes grupos que a isso vêm se dedicando. Isso porque essas pesquisas vêm se desenvolvendo simultaneamente ao desenvolvimento da própria metodologia de pesquisa. Fundamental, entretanto, assinalar a importância crescentemente reconhecida desses mergulhos na vida cotidiana, ao que acontece e ao que estão vivendo as pessoas para se pensar as políticas sociais, seja em relação à juventude ou outros grupos sociais.

A questão da juventude

Não sendo uma pesquisadora da juventude, e respeitando profundamente meus colegas que a isso se dedicam, vou me limitar a levantar algumas questões que emergem da vida cotidiana, das minhas vivências de mãe, professora e assumidamente ex-jovem para abrir possibilidades de diálogo sobre o tema que nos traz aqui: as relações entre a pesquisa acadêmica, a vida cotidiana e a juventude. Já expressei minha convicção de que a pesquisa acadêmica destinada à compreensão de e à intervenção sobre o mundo real requer que dialoguemos com ele, que busquemos compreender suas sutilezas, *pluralidadessingularidades*, modos de efetivação, práticas, reais e possíveis. Vou agora encerrar com algumas breves questões e incômodos que cercam minhas leituras do que seja a juventude e dos possíveis significados disso na contemporaneidade. Meu objetivo com essas pequenas reflexões é tornar evidente a necessidade de se ir à vida cotidiana, ao que acontece e ao que estão vivendo as pessoas reais para se pensar a juventude, o seu significado, as necessidades e anseios específicos desse grupo social. O que é e significa, social e politicamente, ser jovem? O que caracterizaria essa condição?

Creio que já se foi o tempo em que podíamos (acho que não podíamos, mas o fazíamos assim mesmo) definir, apenas com base na idade cronológica o que é ser jovem. Não basta mais: ser jovem é cada vez mais concretamente (do ponto de vista social) um estado de espírito, usufruído por alguns, capitalizado por outros, sofrido por outros tantos. Portanto, para adentrar o debate é preciso irmos à vida concreta, às experiências vividas e socialmente compartilhadas, aos significados que diferentes grupos sociais e sujeitos lhes atribuem para que possamos pensar a juventude, tentar compreender suas especificidades e refletir sobre essa condição social. Recorro ao anedotário para trazer algumas das minhas.

Minha mãe dizia, anedoticamente, e com muita sabedoria: – Velho é todo aquele que tem dez anos mais que eu. Cada vez mais, brincamos com a idéia de que não estamos envelhecendo, apenas nos tornando “jovens há mais tempo” do que quando tínhamos menos idade. Queremos ser jovens, dizemo-nos jovens. Por outro lado, quanto mais a sociedade envelhece, graças aos avanços tecnológicos e da medicina, maior é a faixa etária que poderíamos chamar de juventude: há cada vez mais pessoas consideradas jovens, mesmo já mais experientes.¹² Isso parece indicar a juventude, a beleza do jovem, o fato de se ter “a vida pela frente”, de se ter projetos e sonhos, como um valor em si. Poderiam então os jovens dizer “O mundo é nosso?”. Parece que sim, que todos querem ser jovens, que a meta do ser humano é a eterna juventude! Diria Nelson Rodrigues: – Doce e ledó engano. Sem entrar na discussão sobre os dramas das incertezas e inseguranças contemporâneas que atingem os jovens e suas perspectivas de futuro, como fazem Bauman (1998 e 2004) e Boaventura (2006), creio ser de suma importância perceber os significados sociais e políticos das quebras de barreiras e supostas rupturas que envolvem o tema da juventude. Sem isso, não creio ser possível desenvolver uma reflexão efetiva e um pensamento profícuo quanto às possibilidades de implantação de políticas públicas direcionadas a esse tão diverso (inclusive do ponto de vista etário) grupo social.

Outra questão relacionada a isso advém da idéia de que a juventude está, cada vez mais, ao alcance de todos. Tratamentos revolucionários, medicamentos de todo tipo, cirurgias, exercícios, novidades alimentares, toda uma parafernália destinada a nos tornar cada vez

¹² Paradoxalmente, no caso dos atletas e executivos, dá-se, de certo modo, o contrário. Cada vez com menos idade são considerados aptos, e mais cedo descartados como “velhos”. Idosos com menos de 40 anos habitam o mundo do esporte de alto nível e das grandes corporações, lembrando uma antiga (antiga?) música da minha juventude: Too old to rock ‘n’ roll, too young to die da banda inglesa Jethro Tull.

mais jovens! Entretanto, as coisas não são tão simples. Dizia-me há algum tempo uma amiga: – No futuro ninguém será velho. E eu retruquei: – No futuro, ninguém vai parecer velho. Penso que muito há de ilusão nessa aparente possibilidade. Para sermos “lindos e jovens” aos 50 ou 60 anos é preciso investir: tempo, dinheiro, e mais. É preciso fazer sacrifícios, submeter-se a privações, freqüentar hospitais, negligenciar riscos físicos, psíquicos, sociais e financeiros. Mais do que isso: não só não está ao alcance de todos como aqueles e aquelas que parecem tê-lo alcançado não se tornam necessariamente mais felizes. Afinal, ser jovem por que e para quê? O que fazemos depois do sucesso de nos tornarmos mais jovens? O que é o sucesso neste turvo campo? No anedotário popular encontramos pérolas em referência ao assunto.

Uma anedota contemporânea e em circulação na internet traz dados supostamente estatísticos (nunca fui verificar a veracidade dos dados, considero-a irrelevante ao nosso debate) sobre as despesas realizadas com pesquisas médicas. Diz a anedota: gasta-se mais hoje em dia com pesquisas destinadas ao desenvolvimento de medicamentos e próteses que garantem ereção aos homens mais idosos e ao desenvolvimento de próteses de silicone para seios e nádegas femininas do que em pesquisas que se dediquem ao tratamento do Mal de Alzheimer. Conclusão, ou moral da história, o que talvez fosse mais apropriado para o debate: o risco é chegarmos a senhores “excitados” e senhoras “turbinadas” sem que nem uns nem outras saibam para que serve isso tudo.

Outra anedota, bem antiga, era-me contada por meu pai, em tempos em que ele se preocupava, quero crer, por estar chegando à chamada “meia-idade” – nunca entendi (e ainda hoje não entendo) por que 50 anos é meia-idade se não chegamos aos 100! Talvez, atualmente, isso comece a fazer sentido. – Era assim:

Dois amigos, já na meia idade, se encontram depois de muitos anos sem se ver. Um deles, com aparência bem jovem, diz ao outro, aparentemente espantado: – Nossa senhora! Como você envelheceu! O outro, aceitando a imensa diferença entre seu “estado de conservação” e o do amigo, confirma – Pois é. Depois de breve conversa, eles se despedem. O “jovem” tropeça numa irregularidade do terreno e cai. Ao ver a cena, o amigo diz para si próprio: – Pois é, em pernas não se faz plástica!

Mesmo sabendo que nem isso hoje é verdade mais, creio estarem postas aqui questões que merecem reflexão: a relação entre ser jovem e aparentar ser jovem, os critérios que definem o que é ser jovem e, sobretudo, o valor social de parecer jovem e o de se ser, cronologicamente, jovem, quase incompatíveis um com o outro. Ter cinquenta anos e

aparentar 20 é magnífico. E ter 20, como é? Conta-me um amigo querido, que se tornou grisalho com pouca idade, que isso lhe foi de grande valia.. Disse-me ele: – Foi bom para mim, pois me deu respeitabilidade. O que lhe era fundamental, pois ainda jovem, exerceu cargos de alta responsabilidade, incompatíveis com a juventude cronológica.

Que significado podemos, portanto, atribuir à valorização eterna da juventude eterna? De que juventude se trata? O que pensam e como vivem os cronologicamente jovens, que precisam “respeitar os mais velhos” sem que a recíproca precise ser verdadeira? E eis aqui uma questão que me intriga desde menina: a idéia de respeito aos mais velhos sempre me pareceu trazer subentendida a de que os mais jovens não precisam ser respeitados. Plantada na sociedade e sensocomunizada, ela confirma minhas piores suspeitas a respeito da diferença entre ser jovem e parecer jovem. É de fato a juventude que vem sendo valorizada? Tenho dúvidas. De que espaços sociais dispõe de fato a juventude? Se pensarmos os diferentes grupos sociais em nossa sociedade, precisamos aqui introduzir outra variável, além da dicotomia é bom ou é ruim ser jovem, ou da questão etária. Jovens das classes dominantes são diferentes dos das camadas populares ou das periferias. Mulheres jovens são diferentes de homens jovens. Os e as jovens, negros, brancos, pardos, indígenas, do sul, do norte são diferentes entre si. Entre tantas possíveis marcas identitárias, o destaque dessas serve para lembrar que a discussão talvez precisasse ser sobre as juventudes, no plural, abordando e procurando encarar as diferentes juventudes, em suas faixas etárias, pertencimentos culturais, sociais, étnicos, político-ideológicos, entre tantos outros.

Ou seja, a dificuldade de encarar essa questão começa na própria fluidez do conceito, o que exigiria, portanto, interrogações anteriores, tais como: o que poderíamos, então, chamar de juventude? Ou seriam juventudes? Que autonomia e que expectativas tem cada juventude? Como elas se distinguem ou não de outros grupos sociais, e umas das outras? Que práticas sociais e culturais, que valores e referências podem ser considerados próprios dos jovens, ou dos diferentes jovens? Por que é tão importante compreender essas especificidades? Questões que ficam e que precisam ser encaradas e debatidas.

Para concluir, quero dizer que essa reflexão busca apenas levantar aspectos do tema que me parecem relevantes e que me vêm das observações da vida cotidiana e de incômodos que algumas situações me provocam, mas nunca foram objeto de reflexão mais sistemática ou estudos específicos. Interrogar o aparentemente óbvio, questionar aquilo

que parece incontestável, estranhar o familiar, mergulhar na realidade buscando nela indícios que auxiliem a compreendê-la melhor para ampliar o diálogo com ela e capacitar a intervenção sobre ela são algumas das práticas necessárias ao pesquisador da vida cotidiana. Mas estas são, também, insuficientes, não nos enganemos. É preciso organizá-las, colocá-las em diálogo com outras, perceber-lhes os enredamentos possíveis e necessários, aprofundar a reflexão, o que não é meu objetivo aqui, mas para o que espero ter contribuído com minhas pequenas reflexões.

Referências bibliográficas

- Alves, N. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. in. Alves, N. e Oliveira, I.B. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro/Campinas: ANPEd/Autores Associados. 2003.
- _____. Alteridade, epistemologia e cotidiano escolar. Texto apresentado em sessão especial na *XXVII Reunião anual da ANPEd*. Caxambu, outubro de 2004.
- Alves, N. e Oliveira, I.B. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. A Pesquisa e a criação de conhecimentos na pós-graduação em educação no Brasil: conversas com Maria Célia Moraes e Acácia Kuenzer. *Educação & Sociedade*. n.96, v.27, p.577 - 602, 2006a.
- _____. A importância do diálogo entre as múltiplas formas de fazer pesquisa em Educação: sobre as relações possíveis entre práticas e teorias. *Educação & Linguagem*, v.1, p.59 - 89, 2006b.
- Azevedo, J. G. *Fazer com paixão sem perder a razão*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- Bauman, Z. *O Mal-estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.
- Bauman, Z. *Amor líquido*. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.
- Certeau, M. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Ezpeleta, J. e Rockwell, E. *Pesquisa participante*. São Paulo: Cortez, 1986.
- Ferrazo, C. E. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. in *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. Eu caçador de mim. in. Garcia, R. L. *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- Freire, P. *Pedagogia da Esperança*. Petrópolis: Paz e Terra, 1991.
- Garcia, R. L. *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- Ginzburg, C. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- Habermas, J. *La théorie de l'agir communicationnel*. Paris : Fayard, 1987.
- Lefebvre, M. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
- Morin, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

- Oliveira, I. B. *Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- _____. O campo de estudos do cotidiano e sua contribuição para a pesquisa em educação. In: Carvalho, J. M. et alli *Desafios da educação básica e pesquisa em educação*. Vitória: EDUFES, 2007a.
- _____. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. *Educação e Sociedade*, n. 98, v.28. Campinas: CEDES, 2007b.
- Oliveira, I. B. e Sgarbi, P. (orgs), Dossiê Cotidiano Escolar. *Educação e Sociedade*, n. 98, v.28. Campinas: CEDES, 2007a.
- _____. *Estudos do cotidiano e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007b.
- Pais, J. M. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.
- Penin, S. *Cotidiano e escola: a obra em construção: o poder das práticas cotidianas na transformação da escola*. São Paulo: Cortez, 1989.
- Santos, B. S., Entre Dom Quixote e Sancho Pança. *Revista crítica de ciências sociais* n. 37. CES: Coimbra, 1993.
- _____. *Pela mão de Alice: o social e o político na transição pós-moderna*. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. *A gramática do tempo*. São Paulo: Cortez, 2006.
- Simmel, G. *On Individuality and Social Forms*, Chicago, University of Chicago Press, 1971.
- Victorio Filho, A., *As artes na/da educação: a invenção cotidiana da escola*. Tese de doutorado Rio de Janeiro: UERJ, 2005.
- _____. Pesquisar o cotidiano é criar metodologias. in. Dossiê Cotidiano Escolar. *Educação e Sociedade*, n. 98, v.28. Campinas: CEDES, 2007.